

# Passado, Presente e Futuro das avós nas narrativas indígenas contemporâneas.

## Past, Present and Future of the grandmothers in contemporary Indigenous narratives.

Alvany Rodrigues Noronha Guanaes<sup>1</sup>

*Submetido em 28 de junho e aprovado em 16 de agosto de 2019.*

**Resumo:** A *grandmother* é um mito presente em várias nações indígenas. Esse trabalho expõe diversas abordagens narrativas desse mito, trazendo exemplos de autoras indígenas dos Estados Unidos e do Canadá que constroem sua identidade e subjetividade no fluxo do debate contemporâneo entre as visões ocidentais e não ocidentais, presentificando as *grandmothers* para materializar um amálgama dialógico entre a tradição e a modernidade. O objetivo é demonstrar como as autoras escolhidas *presentificam* o mito da *grandmother*, suturando o passado mítico de suas nações ao presente de suas experiências nas narrativas, que ficarão como um legado cultural às gerações indígenas futuras e para os leitores ocidentais.

**Palavras-Chave:** *Grandmothers*. Literatura Indígena Canadense. Presentificação. Mitos indígenas. Cultura Indígena.

**Abstract:** The Grandmother is a myth pertaining to various indigenous nations. The present work exposes diverse narrative approaches of this myth, bringing examples of Native American and Native Canadian female authors, who construct their identity and subjectivity in a contemporary debate between Eastern and non-Eastern perspectives, presentifying the grandmother to materialize a dialogical amalgam between tradition and modernity. The aim is to demonstrate how the chosen authors *presentify* the myth of the grandmother, suturing the mythic past of their nations to their present experiences in the narratives, which will become a cultural legacy both to future indigenous generations and to western readers.

**Keywords:** Grandmothers. Native Canadian Literature. Presentification. Native Canadian Myths. First-Nation Cultures.

*O Dictionary of Native American Mythology* (1992: 105) explica que a *grandmother*<sup>2</sup> é uma mulher sem nome próprio, representada por uma idosa que vive sozinha. É ela que ensina ao herói como matar monstros, escapar de perigos, usar magia e escolher os caminhos seguros. Em algumas histórias a *grandmother* se transforma em um animal que dá conselhos ou que ensina os humanos a serem exímios caçadores, além de ser uma

figura dotada de poderes espirituais, que ensina as moças como se relacionar com o mundo espiritual<sup>3</sup>. Nesse ensaio, analisarei trechos de alguns romances e textos não ficcionais que discorrem sobre essa entidade, para discutir a importância da presentificação desse mito nos textos escritos em inglês por autoras e teóricas indígenas dos Estados Unidos e, principalmente, do Canadá. Nesse trabalho, o termo ‘presentificação’ dialoga com o trabalho da teórica Linda Hutcheon. Hutcheon, que se refere a ele como a “presença do passado” (Hutcheon 1988: 20) na contemporaneidade, que só pode existir através dos textos. Nesse raciocínio, entendo a presentificação como o resgate das *grandmothers* através dos textos, perpetuando as culturas em dinâmicas sociais bem diferentes daquelas em que tiveram sua origem.

A figura da *grandmother* perpassa as instâncias familiares, culturais, míticas, entre outras, e aparece sempre como um símbolo de sabedoria, experiência e perpetuação cultural em várias nações indígenas do Canadá e dos Estados Unidos. A escritora estadunidense da nação Laguna Pueblo, Paula Gunn Allen (1999: 11)<sup>4</sup> nos ensina que o mundo se originou nos pensamentos de uma mulher - a *grandmother*, sendo, portanto, o mito fundador de sua cultura. Para os Laguna Pueblo, ela personifica a base criadora do universo e é conhecida por vários nomes – *Old Spider Woman*, *Serpent Woman*, *Corn Woman*, *Earth Woman* (Allen, *op cit*), cujos poderes e papéis mudam conforme o mito narrado.

As *grandmothers* figuram em histórias de algumas nações como co-criadoras ou criadoras do universo (Caldwell, 1999; Einhorn, 2000; MacDonald A., MacDonald, G; Sheridan, 2000); destacam-se como contadoras de histórias e da História e portanto perpetuadoras culturais (Abbot, 1994; Cobb, 2000; Ewer, 1955; Krupat, 1996; McClintock, 1992; Weaver, 1997); sobressaem-se pelo seu poder de fazer votos sagrados e cumprir rituais sacrificiais para salvar sua comunidade de situações difíceis (Martin, 2000; McClintock, 1992). Além disso, são comunicadoras entre o mundo dos vivos e dos mortos (Grinnel, 2003; Womack, 1999; Weaver, 1997); também são citadas como a familiar amorosa que oferece proteção (Baillargeon & Tepper, 1998; McClintock, 1992; Snell, 2000); ou ainda, são exemplos de trabalhadoras caseiras e agrícolas, competentes na manufatura de artefatos (Baillargeon; Tepper, 1998; Bataille e Lisa, 2001; Ewer, 1955); também possuem condutas exemplares (Anderson 2008; Cobb, 2000). Por fim,

em algumas histórias, aparecem como educadoras sábias e/ou severas (Griffin-Pierce, 2000; Duvall; Wissler, 1995).

Muitas autoras indígenas contemporâneas produziram narrativas – ficcionais ou não-ficcionais – que colocam as *grandmothers* em foco. Na coletânea canadense intitulada *In the Days of My Grandmothers: A Reader In Aboriginal Women's History in Canada* (2006) as organizadoras Mary-Ellen Kelm e Lorna Townsend reúnem ensaios de historiadores, antropólogos, professores, escritores e sociólogos sobre diversos aspectos das vidas e das contribuições sociais, políticas e econômicas de mulheres de várias nações indígenas. Essa publicação representa uma tentativa de resgatar histórias silenciadas que focalizam a importância da mulher nessas nações e sua coparticipação na construção da história de seus no Canadá no período pós-contato<sup>5</sup>. As autoras explicam que logo após a invasão europeia, as pesquisas sobre as nações indígenas foram feitas massivamente por antropólogos homens, que buscavam sempre informantes do sexo masculino e por essa razão as mulheres não alcançaram notoriedade nos textos desse período. Nesse sentido, essa publicação não somente oferece visibilidade às mulheres, mas também traz novas formas de contar as histórias e desmistificar o papel subalterno indígena feminino. Cada artigo estabelece um diálogo cultural entre a ancestralidade e a contemporaneidade, que é fundamental para entender a mulher indígena como agente e perpetuadora de sua cultura e tradição. Os dias das minhas avós (*the days of my grandmothers*) constantes do título não morreram no passado, outrossim persistem no presente e ainda serão perpetuados no futuro pela continuidade das experiências partilhadas nos estudos que carregam novas perspectivas sobre a mulher indígena. A atemporalidade ou a reespecialização temporal da *grandmother* é fundamental para a perpetuação cultural.

A narrativa não-ficcional da teórica canadense Kim Anderson, intitulada *A Recognition of Being- Reconstructing Native Womanhood* (2008), também apresenta várias passagens sobre a presença da *grandmother* em relatos literários ou socioculturais. Como exemplo, tomemos o trecho abaixo:

A autoridade da muitas *grandmothers* origina-se de seu papel como líder de uma grande família. Em tais famílias, as moças indígenas testemunham o poder de decisão das mulheres mais velhas de sua

comunidade, tanto no âmbito social, quanto no econômico<sup>6</sup> (idem: 120. Tradução nossa).

Inferimos que, além de todas as camadas imbuídas ao papel das *grandmothers* nas comunidades nativas, há também a responsabilidade dessas mulheres em questões bem objetivas como a manutenção socioeconômica familiar. Matriarcas de grandes famílias, tais mulheres preparam o caminho a ser seguido pelas jovens que testemunham seus desempenhos e que perpetuarão tal conduta, reafirmando o poder da *grandmother* na reconstrução da identidade indígena através dos tempos.

Em *Grandmother's Grandchild: My Crow Indian Life* (2000), Alma Hogan Snell narra a história de sua vida com a avó Pretty Shield – uma conhecida *medicine woman* entre os Crow. Snell não conheceu a mãe, que faleceu quando ela tinha um ano e meio, e, portanto, sua vida é recontada a partir da vivência com sua avó, que foi a responsável pelo seu parto difícil bem-sucedido; ensinou-lhe os modos tradicionais e a educou e enfrentou com coragem períodos difíceis de sua comunidade Crow, especialmente quando passaram de horticultores a caçadores nômades em tempos de seca e da extinção dos búfalos. Eles também sofreram os efeitos dos laboriosos acordos com o governo estadunidense pela distribuição de terras que formariam suas reservas e que causaram rupturas em sua organização social. Becky Matthews, editora de *Grandmother's Grandchild: My Crow Indian Life*, expõe na introdução:

Em uma manhã em Montana em abril de 1995, Alma Hogan Snell, uma *Elder Crow* de setenta e dois anos, está em sua cozinha bem equipada de sua casa confortável. Ela estende um braço em direção ao topo do Canyon Bighorn e o outro para as colinas ao leste que foram o lar dos rebanhos de búfalos e diz “Eu me sinto dividida em duas direções. Vivo no mundo da alta tecnologia, mas quero desesperadamente voltar ao passado.” Com esse pensamento, comecei o livro. (p. 1, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Matthews faz um contraponto entre paisagem e pessoa, através da descrição do movimento dos braços de Snell e sua relação com os lugares os quais indicavam. Esse é um intertexto com a conexão entre os indígenas e seus locais de habitação e/ou a natureza. Nesse raciocínio, Alma Hogan Snell como uma *grandmother*, posição adquirida com a idade e pela responsabilidade como contadora de histórias, representa sua divisão

entre dois mundos – o moderno e o tradicional – ao passo que reafirma sua continuidade no conflito entre eles. Assim, reafirmamos a *grandmother* como um elo entre mundos distintos que assegura a continuidade de sua história e da História de seu povo.

No relato *Grandmothers of a New World*, Beth Brant (1998, p. 174), uma *grandmother* escritora da nação moicana do Canadá, reconta a história de Pocahontas segundo sua perspectiva, permeada por questionamentos sobre autoridade histórica e as “Novas Pessoas” (*New People*), que seriam os indígenas de ancestralidade mista, perpetuadores de histórias e de costumes tradicionais na atualidade. Ela questiona a história dominante das Américas, cujos narradores são mulheres ou homens brancos que adequam a narrativa aos seus interesses políticos ou a reproduzem a partir de seu lugar socioeconômico privilegiado. Brant demanda uma história inclusiva, para além da conquista europeia. Com isso em mente, declara:

Eu sou uma avó e acho imperativo contar a verdadeira história das Américas. Meus netos precisarão dessa história para ajudá-los a se transformar em homens de bem – o tipo de homem que nossa nação merece. Meus netos – muitos tipos diferentes de sangue correm em suas veias. Em quatro deles corre sangue Moicano, Irlandês, Escocês, Polonês, Cree, Francês, Norueguês, Cheroqui – o sangue do futuro<sup>8</sup>.

*Grandmother* Brant narra uma nova história para um novo povo – o povo de ancestralidade mista, mas que permanece sendo indígena ao manter os valores expressos pela autora no epítome “homens bons” (*good men*). Esses homens valorosos pertencem a esse novo povo guiado pelas mãos da *grandmother* que produz textos ‘verdadeiros’, que devem ser acessíveis. Brant demonstra a conexão entre as nações indígenas e as nações europeias, ratificando a necessidade de uma nova história, na qual os indígenas contemporâneos são povos miscigenados, mas mantêm sua identidade nativa.

*The Ways of My Grandmothers* (1980), da autora Beverly Hungry Wolf da nação Blackfoot, é um relato autobiográfico do resgate cultural que se tornou seu *modus vivendi*. Beverly Hungry Wolf nasceu em 1950 em Alberta e passou sua infância na maior reserva indígena do Canadá. A autora falava exclusivamente a língua Blackfoot até ingressar na escola católica, onde aprendeu inglês, principalmente por imposição da instituição e vivenciou os costumes ocidentais, o que a afastou de sua cultura de origem. Após

graduar-se e realizar muitas viagens, retornou à reserva e tornou-se professora na mesma escola que frequentara na infância. Nesse período decidiu retomar as tradições até mesmo nos espaços mais corriqueiros do seu viver. Hungry Wolf pretende dar voz às senhoras tradicionais de sua comunidade para evitar o desaparecimento dos costumes e tradições de seu povo. Sobre isso, declara que:

Ao seguir os modos de minhas *grandmothers* passei a valorizar os ensinamentos, as histórias e os exemplos diários da vida que elas compartilham comigo. Tenho pena das moças do futuro que não conhecerão algumas dessas idosas maravilhosas<sup>9</sup>. (Tradução Nossa)

Ao transformar tais experiências em textos, Hungry Wolf passa a desempenhar o papel de *grandmother*, pois perpetuará a cultura através das gerações presentes e futuras. *The Ways Of My Grandmothers* integra a imaterialidade mítica ao cotidiano passado e presente. Através de histórias, mitos, passagens históricas, canções e receitas que compõem esse livro, a autora convida a comunidade Blackfoot contemporânea a integrar novos elementos a esses gêneros narrativos e assim preservar seu futuro cultural.

Diferentemente de *The Ways of my Grandmothers*, *Bobbi Lee, Indian Rebel* (1975) de Lee Maracle, apresenta uma *grandmother* castradora que surge em momentos de provação. Durante seus anos de rebeldia, escritora da nação Salish-Cree rejeitou a supervalorização do passado e rememorou as *grandmothers* em sua forma mítica como signos de abandono e condenação.

“Se você viver de maneira correta as *grandmothers* cuidarão de você”, de outro modo, “se você não viver direito, elas lhe abandonarão e você ficará doente e morrerá.” Aos vinte e cinco anos eu sabia que estava adoecendo, mas eu tinha enterrado quaisquer memórias dos ancestrais indígenas que ajudaram a me criar, me ensinar [...] (p. 199<sup>10</sup>, Tradução nossa).

As *grandmothers* de Maracle espelham sua interioridade em um momento caótico e por isso figuram como antagonistas, compondo parte da estética reativa que predomina em *Bobbi Lee* como um espaço de violência desmesurada, especialmente no contexto urbano.

No entanto o epílogo de *Bobbi Lee* descortina a maturidade emocional da autora-protagonista que ‘faz as pazes’ com sua cultura. Maracle reconciliou-se com seu povo ao refletir suas práticas a partir da narrativa de si. Em livro de ensaios *I Am Woman* (1996), Maracle reafirma sua subjetividade:

Cada feia camada da verdade dessa sociedade terá que ser removida para que eles [o povo de sua cultura] se reconectem com seu bonito ser interior. Reconectar-se com suas *grandmothers* proverá a força ancestral para remover os tons de cinza que sombreiam o espírito amoroso e audacioso (idem: 114. Tradução Nossa)

.Presentificar as *grandmothers* significa retomar as histórias e significá-las para que o ato de narrar transforme o presente, ressignifique o passado e vislumbrem o futuro. Maracle segue com sua busca:

Antes de entender o que é independência, tenho que quebrar as correntes que me prendem ao presente, impedem meu entendimento do passado e cegam o meu futuro. [...]

Esse entendimento não pode vir da minha geração. Ele deve se vir nas vozes das *grandmothers*<sup>12</sup> (*I Am*: 40. Tradução nossa).

*I Am Woman* materializa a continuidade dessa narrativa emancipatória que sempre reflete suas práticas e resgata o passado para ressignificar o presente e constituir sua subjetividade e são as palavras das *grandmothers* que oferecem saída às tensões culturais vividas pela autora.

As *grandmothers* culturais e míticas de Hungry Wolf, a figura austera configurada pelas *grandmothers* de Maracle em um primeiro momento, e que depois ocupa o lugar familiar no epílogo escrito anos após a primeira edição de *Bobbi Lee*, reúnem-se nas *grandmothers* de Maria Campbell em *Halfbreed* (1982). A autora nos apresenta Cheechum, a bisavó que moldou suas aspirações sociopolíticas e sua crença no futuro, mas também enfatiza a importância das *grandmothers* culturais, as quais orientam as gerações mais jovens. Sua bisavó também pautou sua recuperação das drogas e do álcool através dos laços emocionais recuperados pela memória da vida em família. O laço afetivo com a bisavó trilhou o caminho de Campbell de volta à casa para assumir um ativismo cultural.

Campbell, caracterizou seus anos de afastamento da família e da cultura pelo “adoecimento”. O processo de cura iniciou com a vontade de narrar e de sua responsabilidade social ao incomodar-se com a decrepitude de seu povo e de sua percepção de que, somente no processo dialógico entre sua própria vida e a do povo Métis, isso seria possível. “Quando voltei de Saskatchewan, as horríveis condições do meu povo e minha conversa com Cheechum mostraram-me que não havia tempo a perder” (p. 151), declara Campbell sobre o início de sua militância sociopolítica e do concomitante desejo de se autoconstruir.

As rupturas significativas que inauguram sua existência distópica se iniciam com a morte da mãe e enriquecem o texto com o processo reflexivo que se desenrola com a chegada da puberdade e da subsequente consciência crítica sobre sua condição de assujeitamento. Fazem parte desse processo de subjetivação os relatos sobre a morte da mãe e sua consequente responsabilidade familiar, por ser a irmã mais velha de uma família de sete filhos; as dificuldades financeiras que se sucederam à morte da mãe; o casamento precoce para não perder a guarda dos irmãos; a crise conjugal e a violência doméstica; a inevitável perda da guarda dos irmãos; o abandono pelo marido; a vida urbana permeada pela prostituição e uso de drogas; a tentativa de recomeçar a vida fora da cidade grande; a falência de suas esperanças e suas tentativas de suicídio; a vida difícil de uma mãe solteira para criar três filhos; a internação em um hospital psiquiátrico; a superação das drogas e o contato com outras mulheres com dificuldades semelhantes à sua; a recuperação emocional e a volta para casa e finalmente o despertar que resultou em seu ativismo sociopolítico. Campbell espera tornar-se uma *grandmother* no sentido de partilhar sua experiência e levar os mais jovens a ter uma visão mais abrangente e significativa de sua ancestralidade.

Através da reinscrição do passado que figura no presente narrativo, o futuro será diferente daquele destinado a sujeitos marginalizados. Entendemos haver uma transcendência ao tempo linear cuja característica, embora seja um fluxo contínuo, não abre espaço para a reelaboração do passado. Frutos de um passado roubado e silenciado, as autoras, ao inscreverem suas narrativas, mostram meios de superar esse apagamento a partir de uma contranarrativa à alienação linear do tempo. As *grandmothers* presentificadas como contadoras de histórias, as próprias e as da comunidade, renovam o

tempo em eterna circularidade, no dinamismo entre autor (ou contador de história) e sua audiência. O tempo linear ocidental é utilitarista, enquanto o tempo cíclico abre espaço a uma criticidade, dinamismo e constante revisionismo. Se na cultura ocidental o tempo é um dado, um instrumento através do qual pautamos nossos compromissos e tempo de vida, na cultura indígena o tempo cíclico abre um espaço de reflexão para pensarmos no conteúdo de nossas vidas, na substância dos acontecimentos e na possibilidade da infinita renovação e partilha das experiências. Pela concepção ocidental o tempo segue um curso natural, objetivo, enquanto o tempo cíclico é pautado pelas histórias que se renovam infinitamente cada vez que alguém as escuta ou conta. Sendo assim, o tempo não é significante, mas as experiências através do tempo vivido são percebidas por uma subjetividade coletiva.

O tempo mítico também trazido pelas autoras se junta ao corpus temporal reivindicatório, pois elas inserem suas culturas e presentificam os mitos como forma de elo cultural que pode se renovar infinitamente.

Os textos discutidos promovem uma reespecialização temporal e uma atemporização espacial. O tempo traz memórias da perda de território e espaço identitário e clama pela recuperação de um lugar na contemporaneidade. O tempo indígena circular, o tempo infinito, dinâmico e inovador, se insere no espaço atribulado contemporâneo. Tempo e espaço formam um eixo cuja demanda de inclusão de gênero e etnia propõe novas formas de pensar as fronteiras físicas e mentais na contemporaneidade. O tempo está relacionado com seus lugares sociais na construção do eu e posicionamentos políticos nas inter-relações reivindicatórias das comunidades indígenas que emergem dessas temporalidades.

Ella Deloria (1997 *apud* Cotera, 2008: 165) tem esperança de que narrativas femininas de resistência possam “reverter o processo de colonização” e postula que a literatura deve ser “lida e concebida como um processo de descolonização” (*ibidem*). Nesse sentido, a literatura produzida por essas mulheres pode então ser lida como um processo de descolonização, através do qual elas não só recuperam, mas também materializam as *grandmothers* em suas próprias narrativas de vida. Por fim, tornar-se *grandmother* é perpetuar materialmente a tradição na qual a mulher tem o poder do conhecimento para a sobrevivência de sua comunidade.

A presentificação da *grandmother*, evidencia o papel da mulher como continuadora cultural, rompendo com tradições patriarcais, abrindo caminhos para a voz da mulher através das narrativas. Tal visão contribui para a concepção do *corpus* feminino indígena como um meio de resistir à destruição cultural e recuperar histórias silenciadas, transformando o sujeito que narra e as comunidades às quais as autoras se reportam.

Em um mundo onde o mito da juventude é primordial, a *grandmother* representa a superação da velhice como decrepitude para ocupar um lugar privilegiado de experiência e sabedoria. Oferecendo um ponto de intersecção entre as culturas indígenas e ocidentais através da ancestralidade familiar comum, a *grandmother* aproxima povos diversos. Tanto os membros das sociedades indígenas como os leitores ocidentais podem ver-se espelhados nesse mito que carrega sentidos assertivos ao empoderamento feminino. Sendo assim, tais leituras ampliam o repertório contrário ao *mainstream* para que acepções sócio-culturais mais humanas se multipliquem no mundo contemporâneo.

## Referências

- ABBOTT, Lawrence. (Ed.) *I Stand in the Center of the Good: Interviews with Contemporary Native American Artists*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1994.
- ALLEN, Paula Gunn. *The Sacred Hoop: Recovering The Feminine in American Indian Tradition*. Boston: Beacon Press, 1986.
- ANDERSON, Kim. *A Recognition of Being: Reconstructing Native Womanhood*. Canada: Sumach Press, 2008.
- BAILLARGEON, Morgan; TEPPER, Leslie. *Legends of Our Times: Native Cowboy Life*. Contributors: Morgan Baillargeon. Vancouver: University of British Columbia Press, 1998, p. 25-42.
- BATAILLE, Gretchen; LISA, L. *Native American Women: A Biographical Dictionary*. New York: Routledge, 2001.
- BRANT, Beth. Grandmothers of a New World. In: Goldie, T.; Moses, D. (ed.) *An Anthology of Canadian Native Literature in English*. Ontario: Oxford. 1998. p. 163- 174
- CALDWELL, E. K. *Dreaming The Dawn: Conversation With Native Artists and Activists*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1999.
- CAMPBELL, Maria. *Halfbreed*. Lincoln: Nebraska University Press, 1982.
- COBB, Amanda J. *Listening to Our Grandmothers' Stories: The Bloomfield Academy or Chickasaw Females, 1852-1949*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 2000.

- COTERA, Maria Eugenia. *Native Speakers: Ella Deloria, Zora Neale Hurston, Jovita Gonzbalez, and the Poetics of Culture*. Austin, TX: University of Texas Press, 2008.
- DUVALL, D. C.; WISSLER, Clark. *Mythology of the Blackfoot Indians*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1995.
- EINHORN, Lois J. *The Native American Oral Tradition: Voices of the Spirit and Soul*. Westport, CT: Praeger, 2000.
- EWERS, John C. *The Horse in Blackfoot Indian Culture: With Comparative Material from Other Western Tribes*. Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1955.
- GILL, Sam D.; SULLIVAN, Irene F. *Dictionary of Native American Mythology*. New York: Oxford University Press, 1992.
- GRIFFIN-PIERCE, Trudy. *Native Peoples of the Southwest*. Albuquerque: University of New Mexico Press. 2000.
- HUTCHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*. London: Routledge. 1988.
- HUNGRY WOLF, Beverly. *The Ways of My Grandmothers*. New York: William Morrow Company, 1980.
- KELM, Mary-Ellen & TOWNSEND, Lorna (eds.). *In the Days of our Grandmothers: A Reader in Aboriginal Women's History in Canada*. Toronto: University of Toronto Press Incorporated, 2006.
- KRUPAT, Arnold. *The Turn to the Native: Studies in Criticism and Culture*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1996.
- MACDONALD, A; MACDONAD, G.; SHERIDAN, M.A. *Shape-Shifting: Images of Native Americans in Recent Popular Fiction*. Westport, CT: Greenwood Press, 2000.
- MARACLE, Lee. *Bobbi Lee - Indian Rebel*. Canada: Women's Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *I Am Woman: A Native Perspective on Sociology and Feminism*. Vancouver: Press Gang, 1996.
- MCCLINTOCK, Walter. *The Old North Trail: Or, Life, Legends, and Religion of the Blackfeet Indians*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1992.
- SNELL, Alma Hogan. *Grandmother's Grandchild: My Crow Indian Life*. Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 2000.
- WEAVER, Jace. *That the People Might Live: Native American Literatures and Native American Community*. New York: Oxford, 1997.

## Notas

<sup>1</sup> Pós-doutoranda na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal. alvany.guanaes@gmail.com.

- <sup>2</sup> Não traduzi a palavra *grandmother*, a fim de evitar quaisquer desvios culturais. Sendo assim, mantereí a forma como o termo é empregado nos textos referenciados nesse trabalho. Somente quando o termo se referir ao laço familiar semelhante ao ocidental – mãe da mãe ou mãe do pai – será traduzido por avó ou avós.
- <sup>3</sup> A figure usually without a proper name, found in many stories about the adventures of culture heroes. The grandmother, portrayed as an old woman who lives alone, advises the hero how to kill threatening monsters, escape from danger, use magic, and follow safe trails. In many stories the grandmother can transform herself into an animal who gives advice or teaches humans how to become great hunters. In Eskimo stories, Grandmother is associated with knowledge of spiritual powers. She makes amulets for protection against malevolent spirits and teaches survival skills, hunting and tracking. Grandmothers also teach girls how to relate to the spiritual world.
- <sup>4</sup> In the beginning was thought and her name was Woman. The Mother, the Grandmother, [is] recognized from earliest times into the present among those peoples of the Americas who kept to the eldest traditions [...] Old Spider Woman is one name for this quintessential spirit, and Serpent Woman is another. Corn Woman is one aspect of her, and Earth Woman is another, and what they together have made is called Creation, Earth, creatures, plants and light.
- <sup>5</sup> A *Medicine Woman* é uma mulher sagrada, escolhida para a função pela sua sabedoria e comportamento exemplar para operar curas no corpo e no espírito (Colasurdo, 1997; Gill e Sullivan, 1992; Niezen, 2000).
- <sup>6</sup> The authority of many Native grandmothers stems from their role as the head of the extended family. In such families, Native girls witness both the social and the economic decision-making power of older women in their communities.
- <sup>7</sup> On a snowy Montana morning in April 1995, Alma Hogan Snell, a seventy-two-year-old Crow Elder, stood in the well-equipped kitchen of her comfortable modular home, extended one arm toward the pine-topped ridges that rim Bighorn Canyon, stretched the other toward the eastern hills that once were home to buffalo herds, and said “I feel like I’m pulled in two directions. I live in this modern world of high technology, but I desperately want to hold on to the past.” With that thought, work on this book began. (p. 1)
- <sup>8</sup> I am a grandmother and I feel it is imperative that I tell the truthful story of the Americas. My grandsons will need this story to help them grow into good men – the kind of men our Nations deserve. My grandsons – so many kinds of blood flow in their veins. Among the four of them flows the blood of Mohawk, Irish, Scots, Polish, Cree, French, Norwegian, Cherokee – the blood of the future
- <sup>9</sup> In the years since I began following the ways of my grandmothers I have come to value the teachings, stories, and daily examples of living which they shared with me. I pity the younger girls of the future who will miss out on meeting some of these fine old women.
- <sup>10</sup> “If you live right the grandmothers will take care of you, conversely, if you don’t live right they will forsake you and you will sicken and die”. At twenty-five, I knew I was becoming ill, but had buried whatever memories I had of the old Indians that helped bring me up, teach me, [...]
- <sup>11</sup> Layer upon layer of the ugly truth of this society will have to be peeled away for them to reconnect with the beautiful self within. Re- connecting with their grandmothers will provide them with the ancient strength to peel off the shades of grey encumbering the audacious, loving spirit.
- <sup>12</sup> Before I understand what independence is, I must break the chains that imprison me in the present, impede my understanding of the past, and blind me to the future. [...] This understanding cannot come from the children of my generation alone. It must come from our grandmother’s words.